

Teoria e métodos em Arqueologia, por um conhecimento crítico

As últimas décadas testemunharam mudanças substanciais na Arqueologia. Em primeiro lugar, multiplicaram-se os campos de estudos, tanto em termos cronológicos, como em categorias de objetos de estudo. No primeiro caso, a Arqueologia do Mundo Contemporâneo mostra uma disciplina cada vez mais preocupada com o presente, sem abdicar das épocas mais recuadas. Cresceram os objetos de estudo especializados, que incluem moedas, ânforas, tijolos, pinturas, sepulturas, mas também fíbulas e bonecas. Nada disso faz sentido se não chegar ao público e se não houver uma análise dos aspectos sociais e políticos das práticas, característica da Arqueologia Pública. Neste sentido, pode afirmar-se que não se pode prescindir da reflexão teórica e metodológica, para que na se fique apenas no senso comum. O próprio sentido dessas duas expressões, teoria e método, indicam-nos que o conhecimento depende sempre do ponto de vista - de onde deriva o conceito mesmo de teoria -, da perspectiva. Não se pode conhecer nada senão pela mediação do sujeito de conhecimento. Daí que se imponha a reflexão sobre as perspectivas, sobre os recursos heurísticos que são agenciados na pesquisa. Caso contrário, corre-se o risco de transformar o desconhecimento e a falta de interesse pela epistemologia em defesa de um vale tudo que não procura conhecer as próprias base do conhecimento do mundo material. Atitude arrogante que esconde seus próprios limites. A teoria serve para estudar e propor tipologias, por exemplo, para separar percepções por meio de critérios, como na raiz da *krisis* (separação), muito além da simples descrição da opinião (*doxa*) das pessoas.

Para que se possa refletir sobre as perspectivas é necessário analisar os caminhos, sentido original de método. Também aqui, separar, sentido original do étimo grego (*analysis*), é procedimento básico, para que possa superar uma descrição ingênua, irrefletida, da opinião. Desconsiderar teoria e método é, pois, desconhecer o problema central do conhecimento: o sujeito que observa e os seus critérios de classificação do mundo. Como já dizia Sócrates (Platão, Apologia de Sócrates, 38) ὁ δὲ ἀνεξέταστος βίος οὐ βιωτὸς ἀνθρώπῳ, “a vida não examinada não vale a pena ser vivida”.

Este volume da Revista de Arqueologia Pública volta-se para a reflexão crítica, para os fundamentos epistemológicos do conhecimento arqueológico, para além da doxa, algo tanto mais importante, quanto o exercício do aspecto público da disciplina pode levar à

ilusão da transparência da realidade, como se ela pudesse ser vista sem lentes. Neste volume, a Revista de Arqueologia Pública traz contribuições originais sobre o tema, com discussões sobre o influxo do marxismo na Arqueologia mexicana, sobre a perspectiva afro-descendente na Venezuela, assim como sobre a presença moura no Algarve, que se relaciona, de alguma maneira, à questão tartéssica. A abordagem a partir da Arquitetura permite-nos observar como a construção do espaço condiciona o comportamento e como as pesquisas desenvolvidas podem ser úteis. A comparação entre as compreensões francesa e norte-americana permite entender, por meio de uma análise de discurso, como distintas percepções tratam da significação. A análise das pesquisas arqueológicas nos sítios jesuítico-guaranis do sul do país contribui para a compreensão da evolução teórico-metodológica da disciplina no país. Por fim, o volume publica um artigo de referência de Nick Merriman sobre o conceito mesmo de Arqueologia Pública. Este número atesta a crescente internacionalização da Revista, assim como sua busca pela coerência, por meio de dossiês temáticos.

Este volume representa mais uma empreitada coletiva da equipe de Arqueologia da Unicamp. Os apoios da FAPESP, do CNPq e da Unicamp têm sido importantes, mas o aspecto decisivo está na dedicação de cada dos membros da revista. Como diria Aristóteles, πάντων γὰρ ὅσα πλείω μέρη ἔχει καὶ μὴ ἔστιν οἶον σωρὸς τὸ πᾶν ἀλλ' ἔστι τι τὸ ὅλον παρὰ τὰ μέρη, o todo é maior do que a soma das partes (Metafísica, 1045a8–10) e este número mostra o avanços do trabalho coletivo.

Pedro Paulo A. Funari